

Quem escreveu essa história?

*Amini Haddad**

Maria foi morta a pauladas pelo seu marido por tentar se separar dele. Tereza foi sequestrada e mantida em cativeiro por aproximados sete anos. Seu algoz foi um desconhecido que a estuprou e a fez parir filhos da violência. Ana foi estuprada por um coletivo de homens e depois assassinada. Raquel, de 7 anos, vive em um prostíbulo, onde comercializam o seu corpo. Beatriz foi vendida e levada para outro Estado, aos 8 anos, para ser empregada doméstica. Não estuda. Não tem vida de criança. Já Antônia é filha de seu avô, pois sua mãe foi estuprada pelo próprio pai aos 11 anos. Vive abandonada em um orfanato. Todas são histórias reais.

O estupro coletivo da adolescente de 16 anos por 33 homens, semana passada no Rio de Janeiro, coloca-nos a refletir que, mesmo diante de tantas mudanças geradas em todos os períodos da humanidade, continuamos frente às mesmas estruturas de exclusão, como o desvalor cultural do feminino e a hierarquização existencial com a superioridade do masculino. Aterrorizante. Tentei visualizar os 33 homens, um após o outro... Lágrimas nos olhos. Estamos falando de um dos mais perversos crimes da cultura do machismo.

Durante séculos as mulheres foram alijadas do compartilhamento político e instruídas a aceitarem como seu espaço apenas o doméstico. Não precisavam raciocinar. Não precisavam se qualificar para além do bordar, pintar, costurar e gerar um, dois, três, quatro, cinco, 10, 15 filhos. Onde estaria a sua identidade? Quantos períodos históricos ainda serão necessários para que os espaços sociais sejam mais harmônicos? Não temos sequer uma mulher nos ministérios. São muitos os gritos sociais para o deputado Jair Bolsonaro alcance a presidência. Sua histórica insensibilidade para com as mulheres é detalhada pela mídia, inclusive com referência ao estupro quando pejorativamente se referia à deputada Maria do Rosário. Horizontes sombrios. Ela sequer "mereceria" ser estuprada?

Voltamos a pensar sobre o estupro coletivo do Rio. Assisti ao pronunciamento de várias instituições, às declarações do Ministro da Justiça e da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro. A visão foi reveladora: por mais consideração que eu tenha por todos os honrados homens que se prontificaram a responder ao ocorrido, onde estava a voz de uma mulher?

Precisamos abrandar o abismo do nascer menina e do nascer menino e educar nossos filhos e filhas à convivência de respeito, oportunidades e igual dignidade. Mas o Brasil é destaque no tráfico internacional de meninas e mulheres para exploração sexual e é visto como o país do turismo sexual, que condiciona milhares de crianças como produto consumível. O Brasil é destaque na pornografia infantil, nos crimes de exposição de vingança contra adolescentes e mulheres, no assédio sexual, na violência doméstica e familiar, nas propagandas da mulher-produto, no feminicídio. A realidade é tenebrosa.

No mundo todo, as formas mais comuns de violência contra o feminino são as mesmas do Brasil, além de tantas outras culturais. A mutilação genital feminina, o casamento forçado de uma filha a partir dos 5 anos, os crimes cometidos em decorrência do dote, a violência obstétrica às quais muitas mulheres são submetidas no momento do parto, o estupro de meninas nas tribos indígenas, a seleção pré-natal do gênero (com abortamento dos fetos do sexo feminino), o incesto e tantos outros exemplos são estarrecedores. Compete-nos catalogar também como violência contra o feminino a omissão do Estado no atendimento aos casos de violência contra a mulher, uma violência institucional inibidora do acesso à justiça.

Essa história não é tão somente da contemporaneidade, é a história da humanidade. A diferença

é que antes essa realidade era mantida em segredo. Hoje, com os meios tecnológicos que desconhecem fronteiras, tudo vem à tona, de forma tão evidente como a luz do sol, ainda que, por muitas vezes, estejamos diante de muitas brechas camufladas na escuridão da noite.

Com mulheres em pesquisa de mestrado e doutorado, não há mais como silenciar as letras dos livros escritos por tantos filósofos à manutenção da hierarquia existencial entre homens e mulheres, com a superioridade do masculino sobre o feminino. Kant em *The Metaphysics of Morals (Cambridge Edition of the works of Immanuel Kant, 1996)* não se diferencia nesses horizontes, condicionando a mulher de forma similar à criança e às coisas. De igual forma, Michelet (*Woman, 1867*) desenvolve preconceito análogo ao afirmar a inferioridade do pensamento de uma mulher. “As maiores criações artísticas parecem até hoje serem impossíveis a elas. Toda nobre obra da civilização é produto da genialidade dos homens”. Cesare Lombroso (*La Femme criminelle et la prostituée, 1896*), famoso criminalista, arremata com a suposta inabilidade da mulher para filosofar. Arthur Schopenhauer (*Dores do Mundo. O amor. A morte. A Arte. A moral. A Religião. A Política, 1819*) acresce que “o simples aspecto da mulher revela que não é destinada nem aos grandes trabalhos intelectuais, nem aos grandes trabalhos materiais. Paga a sua dívida à vida não pela ação, mas pelo sofrimento, as dores da maternidade, os cuidados inquietadores da infância; deve obedecer ao homem, ser uma companheira paciente que lhe torne a existência calma. Não é feita nem para os grandes esforços, nem para dores ou prazeres excessivos; a vida para ela pode decorrer mais silenciosa, mais insignificante”. Já Friedrich Nietzsche (*Beyond Good and Evil, 1966*) não deixa dúvida: “O que é a verdade para uma mulher? Desde o início, nada foi mais alheio, repugnante e hostil à mulher do que a verdade – sua grande arte é a mentira, sua preocupação máxima é a mera aparência e a beleza”.

Estes filósofos e pensadores representam um contexto peculiar a ser compreendido quanto ao patriarcado como sistema social. Hannah Arendt, intelectual incomparável, a meu ver, no mundo dos filósofos, trouxe-nos reflexões sobre as origens do totalitarismo diante das culturas discriminatórias e de exclusão. Com o feminino, não é diferente. Simone de Beauvoir já deixava claro o contexto de sua frase célebre: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Ela se referia exatamente a essa cultura de desvalorização e apropriação do feminino. *Enfim, quem escreveu essa história mesmo?*

Tenho absoluta certeza que temos muitos homens valorosos, a grande maioria deles. Afinal, percebem em horizontes suas mães, irmãs, tias, esposas, filhas. Precisamos superar a cultura do machismo. Precisamos, com urgência, de políticas públicas para as mulheres, pois os dados sociais são reveladores. Desequilíbrios vivenciados na família alicerçam relações humanas. Se é injusto o espaço de direitos e deveres no convívio familiar e há desequilíbrios entre filhos e filhas, certamente, assistiremos às mais diversificadas perversões. Temos plantio, temos colheita.

Abracei meus filhos. Lágrimas, dor. Que este abraço possa de alguma forma alcançar essa garota de 16 anos de idade. A nossa humanidade, como um todo, foi atingida.

*** Amini Haddad é juíza de Direito do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso (TJMT), Diretora da Secretaria de Gênero da Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB), Professora Adjunta da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e Coordenadora Científica do Núcleo Vulnerabilidades, Direito e Gênero da UFMT.**